



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

NATÁLIA LEITE

**A NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO DO MUNDO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE
NIETZSCHE**

ERECHIM
2022

NATÁLIA LEITE

**A NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO DO MUNDO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE
NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Joice Beatriz da Costa

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Leite, Natália Cristina Ribeiro
A NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO DO MUNDO: UMA REFLEXÃO A
PARTIR DE NIETZSCHE / Natália Cristina Ribeiro Leite. --
2022.

46 f.

Orientadora: Joice Beatriz da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Erechim, RS, 2022.

I. , Joice Beatriz da Costa, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NATÁLIA LEITE

**A NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO DO MUNDO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE
NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 06/04/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Joice Beatriz da Costa – UFFS
Orientadora

Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva – UFFS
Avaliador

Prof. Dr. Alcione Roberto Roani – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, Silvia Dias Leite e Luís Carlos Ribeiro Leite. Obrigada por acreditarem em mim quando nem eu mesma acreditei!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, por toda parceria, compreensão e dedicação que sempre tiveram por mim e pelos meus sonhos. As minhas avós, Zélia Pinheiro Leite (Que infelizmente não está mais entre nós fisicamente, entretanto, continua viva em meu coração e em minha história.) e Maria Aparecida Dias dos Santos, por todas as vezes, que não me deixaram parar de sonhar. As minhas irmãs, Bianca Ribeiro Leite de Oliveira e Maria Eduarda Ribeiro Leite, por ouvirem com carinho e atenção as minhas primeiras “aulas” de filosofia, bem como por todo respeito, cumplicidade e amor presentes em nossa relação. Ao meu namorado, Evandro Cavalcante Pereira, pelo respeito as minhas escolhas e pelo amor impregnado a mim, que na maioria das vezes, me dá suporte para seguir nesta jornada.

Agradeço também, a todos os meus familiares, pelas diferentes formas de apoio. A todos os meus amigos (as), em especial, Daniela, Esthela, Camila, Marcia, Shackner, Fabrício e Shay, pelas noites e dias de aprendizagem intelectual e humana, tal como, pela relação afetiva que construímos juntos. Aos meus professores e mestres, por todo conhecimento compartilhado. A minha orientadora, Joice Beatriz da Costa, por toda paciência, dedicação, inspiração e aprendizagem. A UFFS, por ser um lugar de possibilidades, que me permitiu realizar o meu tão estimado sonho, a saber: estudar filosofia. E, por fim, agradeço a todas as pessoas aqui não nomeadas, que ao cruzaram meu caminho, de alguma forma, me deram um pouco mais de esperança para que eu persistisse em minha trajetória, que antes de ser acadêmica, é humana.

Não-mais-querer, não- mais-estimar, não-mais-criar: ó, que esse grande cansaço esteja para sempre longe de mim!
Também no conhecer sinto apenas o prazer de gerar e vir a ser da minha vontade; havendo inocência em meu conhecimento, tal acontece porque nele *há vontade de gerar*;
Para longe de Deus e deuses atraí-me essa vontade: pois o que haveria de criar, se deuses – houvesse? (NIETZSCHE, F. ***Ecco Homo: Como alguém se torna o que é.*** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008)

RESUMO

Nietzsche em sua filosofia, promove uma crítica acerca da duplicação dos mundos, isto é, a criação de uma concepção de mundo dual. Onde, por um lado, temos o mundo sensível, ou seja, o mundo dos sentidos, do vir-a-ser, do que é corpóreo e, portanto, imperfeito e temporário. E, por outro, o mundo inteligível, suprassensível, eterno e perfeito. Isto, para o referido filósofo, acarretou uma negação humana, do mundo presente, configurando um grande erro. À vista disso, o presente trabalho, tem como problemática a seguinte questão: qual é a necessidade da afirmação do mundo para Friedrich Nietzsche? A fim de esclarecermos esta problemática, partimos de uma análise das estruturas que sustentaram a depreciação do mundo presente, depois, analisamos as diferentes formas de afirmação da vida neste mundo nas diferentes fases do pensamento de Nietzsche e, por fim, concluímos que a necessidade da afirmação do mundo para o filósofo alemão, se dá sobretudo, devido ao projeto nietzschiano de um novo tipo de ser humano, a saber: o *além-do-homem*. Este, não se guia a partir de uma estrutura suprassensível, haja vista que ele vive o mundo presente, o ama e o afirma como o único e, portanto, como necessário.

Palavras-chave: Mundo. Vida. Nietzsche. Afirmação. *Além-do-homem*.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	09
2. SOBRE A DUPLICAÇÃO DO MUNDOS.....	11
2.1 AS RAIZES DO PENSAMENTO DUAL.....	11
2.2 SOBRE O PENSAMENTO SOCRÁTICO.....	14
2.3 SOBRE A MORAL CRISTÃ NA PERSPECTIVA NIETZSCHENA.....	17
2.4 CRÍTICA DE NIETZSCHE A SEPARAÇÃO DOS MUNDOS.....	19
3. A AFIRMAÇÃO DA VIDA SE FAZ NESSE MUNDO.....	24
3.1 O QUE É A VIDA?.....	24
3.2 A AFIRMAÇÃO DO MUNDO A PARTIR DAS DIFERENTES FASES DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE	26
4. SOBRE OS CONCEITOS NIETZSCHIANOS.....	32
4.1 SOBRE O NIILISMO E A MORTE DE DEUS.....	32
4.2 SOBRE A VONTADE DE POTÊNCIA.....	34
4.3 SOBRE O ETERNO RETORNO E O AMOR-FATI.....	36
4.4 SOBRE O ALÉM-DO-HOMEM.....	38
4.5 UMA BREVE ANÁLISE DA NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO DO MUNDO.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6.REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche, um filósofo alemão, que viveu entre 1844-1900. Ele, teve uma vida tão intensa quanto sua filosofia. Suas obras são conhecidas pelo seu caráter crítico, profundo e inspirador. Escreveu obras que se expandiram no mundo todo, algumas delas são: *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém* (1883), *A Gaia Ciência* (1882), *O Anticristo* (1888), *Ecce Homo* (1888), *Humano, Demasiadamente Humano* (1878), *A genealogia da moral* (1887), *Além do bem e do mal* (1886), *A origem da tragédia* (1872), *Aurora* (1881), *O caso de Wagner* (1888).

A filosofia nietzschiana, é considerada pela maioria de seus comentadores, marcada por três grandes períodos. Sendo o primeiro de 1872-1876, o segundo, de 1878-1882, e o terceiro, de 1885-1888. O que queremos enfatizar sobre isso, é que entre todos esses períodos pode-se observar uma valorização da vida terrena, uma valorização que não nega o caráter “negativo” da vida, em outras palavras, não nega o conflito, o trágico, e sofrimento presente na existência humana.

Sendo assim, Nietzsche como um grande afirmador da vida neste mundo, nos apresenta um notável problema filosófico, a saber: o dualismo entre mundos, ou seja, a criação de um mundo que é *perfeito, eterno e imutável*, em oposição a Terra que dentro desta lógica, perdeu todo seu valor, pois contém em si tudo que é imperfeito. Tal como, o corpo, já que só compete a alma ou (e) a razão o acesso ao mundo eterno. Sobre isso, Nietzsche escreveu: “Eram enfermos e moribundos aqueles que desprezaram o corpo a terra e inventaram o celestial e as gotas de sangue redentoras [...]” (NIETZSCHE, 2019, p. 41).

Nietzsche se opôs drasticamente a essa invenção, denominando-a de erro e covardia. No primeiro momento, ele se dispôs a mostrar os problemas dessa visão de mundo, e depois, procurou maneiras de destruí-la filosoficamente. E, por fim, criou formas construtivas de superação da mesma. Essa fase construtiva implica em uma afirmação deste mundo e não mais uma negação.

É sobretudo, nessa fase construtiva da filosofia de Nietzsche, que se pode notar uma necessidade da afirmação deste mundo. Pois ele irá criar um tipo de vida humana capaz de superar essa visão dualista de mundos. Este novo ser humano passará a viver inteiramente na Terra, criando sentidos e valores novos, que estejam em consonância com a vida e com o corpo.

Portanto, investigamos, primeiramente, essa estrutura que o filósofo alemão se opôs, para depois, respondermos o seguinte problema filosófico: qual é a necessidade da afirmação do mundo para Friedrich Nietzsche?

Para tanto, este trabalho se divide em três momentos. No primeiro abordamos a crítica de Nietzsche a separação dos mundos com enfoque no conceito nietzschiano *Décadence*, pois este indica que a nossa constituição vital pode se constituir de forma harmônica, promovendo o crescimento e avivando as forças vitais da vida, tal como a *vontade de potência*. Todavia, pode também, se organizar de maneira tirânica caracterizando a *Décadence*, pois promovem a necessidade de autopreservação e, por vezes, a negação da vida, por se tornar uma constituição vital fraca.

Os exemplos de decadência para Nietzsche são: o platonismo, o cristianismo e a modernidade, haja vista que, estes em suas entranhas estão apegados a um instinto de autopreservação, que gera a negação deste mundo e desta vida tal como ela é, buscando em outro mundo, uma realidade mais elevada e segura. Isso, para o referido filósofo, é um grande erro, pois aquilo que temos de mais sublime, a *Vontade de potência*, é próprio a vida terrena.

Num segundo momento, apresentamos nas diferentes fases do pensamento de Nietzsche o valor da existência no mundo presente. Estas formas se mostraram nas primeiras obras de Nietzsche pelo viés artístico, essencialmente, pelo amor de Nietzsche a tragédia grega. Na fase intermediária pelo prisma da ciência, pois o filósofo apresenta o ser humano científico como um subseqüente em relação ao artista e, em sua fase da maturidade, através de seus conceitos-chaves. Trabalhamos especificamente o conceito *além-do-homem*, pois, este representa o novo tipo de vida humana capaz de superar a estrutura dualista criticada por Nietzsche.

Logo depois, constatamos que para promover a queda desta concepção de mundo dual, Nietzsche nos forneceu um arcabouço conceitual, capaz de nos instigar a pensar a vida e o mundo de outro modo. Pois através destes, o mundo terreno passa a ser visto como necessário, e não mais, como um mero lugar temporário. Estes conceitos são: *Amor-fati*, *Além-do-homem*, *A morte de Deus*, *eterno retorno*, *niilismo* e *Vontade de Potência*.

Por fim, concluímos que o *além-do-homem* é o tipo de vida humana capaz de realizar aquilo que esses conceitos nos convidam a fazer, pois ele significa filosoficamente a suprema superação de toda estrutura metafísica dualista, que Nietzsche se opôs.

2 SOBRE A DUPLICAÇÃO DOS MUNDOS

Sabe-se que na filosofia busca-se entender, bem como questionar a relação do ser humano com o mundo a vida e as estruturas que o cercam. E, nesse sentido, Nietzsche nos convida a questionar os valores e as afirmações que introduziram em nossa cultura uma depreciação do mundo e da vida, criando um outro mundo, e tornando-o o lugar do homem. Sendo assim, temos como norte, o seguinte problema filosófico: qual é a necessidade da afirmação do mundo para Friedrich Nietzsche? Pois, Nietzsche ao questionar essa conjuntura abre lugar para um novo tipo de vida humana. Uma vida, que será capaz de entender a necessidade da afirmação deste mundo, como o lugar do ser. Para investigarmos a referida questão, partiremos de uma análise dessas afirmações que depreciaram o mundo e a vida presente, para que, depois, possamos compreender como esse novo tipo de vida humana poderá se contrapor a essas estruturas.

Na obra *Crepúsculos dos ídolos (1888)*, Nietzsche apresenta a tentativa de Sócrates de dominar a *décadence* dos atenienses através da razão, utilizando-se dela como fonte para a verdade absoluta e para o mundo ideal e imutável como um grande erro. Um erro que se estende até a modernidade. Este erro será investigado e criticado por Nietzsche em toda a sua filosofia, pois ele é, segundo o filósofo, o responsável pela criação de um mundo ilusório, que gerou a negação do aqui e agora, em prol de uma grande mentira. Por isso, vamos apresentar nos subcapítulos 1, 2, 3 e 4 os desdobramentos e os fundamentos desta crítica.

2.1 AS RAÍZES DO PENSAMENTO DUAL

Duplicar os mundos¹: será este um dos maiores erros da humanidade? Para Friedrich Wilhelm Nietzsche sim. Todavia, cabe-nos perguntar por que chegamos à necessidade desta separação, ou melhor, o que “causou” a criação de uma concepção de mundo dual. Nietzsche,

¹ A duplicação dos mundos aparece no pensamento nietzscheano como a separação do mundo sensível do inteligível. Sob esta ótica, argumenta-se que na filosofia de Nietzsche: “O ponto central de todas as suas críticas a cultura ocidente, que se encontra, seja no racionalismo, seja no moralismo cristão é o dualismo que dele se desprende entre real e aparente, sensível e inteligível, bem e mal.” (FEILER, 2011, p.73).

mostra com sua filosofia as raízes desse pensamento, que segundo o filósofo, nasce com os gregos e se estende por todo pensamento moderno.

No pensamento antigo, segundo Nietzsche, essa dualidade surge com a filosofia de Platão marcando o início da era da *décadence*². Uma vez que, segundo o filósofo, Sócrates, ao perceber que a velha Atenas estava em um momento crítico, “[...] caminhando para seu fim [...]” (NIETZSCHE, 1978, p. 330), dado que os atenienses estavam com seus instintos em anarquia, de forma completamente desorganizada e excessiva, ameaçando a sobrevivência, cria um “remédio” para autopreservação da humanidade. Ele utiliza a razão para dominar os instintos, tornando-a fonte para a verdade absoluta e imutável, que está em uma realidade transcendente³. E, sendo transcendente, está em outro mundo, no mundo ideal, onde não há riscos para a sobrevivência. Logo, podemos ver, que o caminho aberto por Sócrates coloca a razão como única fonte de luz capaz de controlar as nossas “piores partes”, as partes irracionais, nos garantindo um outro mundo, onde está a *verdade*, o *bem* e o *belo*.

Esse pensamento metafísico dualista ganha força com a moral cristã, que surge por volta do século I. Esta doutrina para Nietzsche domina humanos fracos, que não conseguem viver, mesmo que viver seja seu maior desejo. Pois, se apegam a um referencial ideal, por não conseguirem aceitar o movimento da vida, do mundo, e, portanto, passam a esperar o céu, marcando a separação do bem e do mal, do certo e do errado. Todavia, essas separações, não são adquiridas através de reflexões, são baseadas em hábitos e medos, portanto, devem ser superadas: “Um novo orgulho ensinou-me o meu eu, e eu ensino-o aos homens: não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestes, mas carregá-la livremente, uma cabeça terrestre, que crie sentido para a terra.” (NIETZSCHE, 2019, p. 41).

Na modernidade o pensamento metafísico ocupa um lugar central, sendo assim, Nietzsche, enquanto um pensador moderno nos alerta que sua filosofia não é para seu tempo: “E quando olhei para a minha volta - vê só! - o tempo era meu único contemporâneo.” (NIETZSCHE, p. 119, 2019). Frases como estas são recorrentes na obra do filósofo alemão,

² O termo *decadence* na filosofia de Nietzsche, indica a degeneração de uma organização vital específica. Em outras palavras: “A decadência se manifesta sobretudo como ausência de coesão orgânica, como independência e destruição recíproca de elementos e funções, cuja ação conjunta constitui o princípio de unidade na vida [...]” (GIACÓIA, 2000, p. 57).

³ Platão, no livro VII da República, separa o mundo sensível do mundo inteligível. Isto é, o mundo material e imperfeito, do mundo metafísico. Este possui uma realidade transcendente (não está no espaço-temporal) ou imaterial, puramente teórica e perfeita. Esta separação aparece através do Mito da caverna de Platão. Como nota-se, nessa passagem: “[...] deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existe como o sol. Quanto a subida ao mundo superior e a visão do que lá se encontra, se a tomares como ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludiras minhas expectativas, já que é teu desejo conhecê-la.” (PLATÃO, 2012, p. 212).

visto que, ainda na modernidade, temos como centro o idealismo alemão, que em sua configuração busca por um pensamento transcendente⁴.

Nietzsche, não apenas mostra as raízes do pensamento dual, sobretudo, com sua filosofia “das marteladas”⁵ desconstrói filosoficamente toda a estrutura que a tradição consolidou, mostrando que a separação carrega em si muitos erros, que acarretaram uma negação, uma negação humana do corpo, do mundo e da vida e, portanto, um enfraquecimento da nossa força vital, a *vontade de potência*⁶, nos tornando animais de rebanho. Animais cegos, limitados a uma doutrina que promete um “além” para o homem, um outro mundo, o mundo celestial, perfeito e imutável, tirando da terra todo seu valor, toda a sua potência, toda a sua razão interna.

E, desconstruindo os argumentos de gênero cristão, que tiraram da terra toda a sua potência, Nietzsche nos convida a viver aqui, a afirmar o nosso mundo tal como ele é. Sobre isso, Scarlett Marton (1994, p. 3) afirma:

Não é por acaso que Nietzsche se diz “um discípulo do filósofo Dioniso”. Ele reivindica a necessidade de destruição, mudança, vir-a-ser; reclama o processo permanente de aniquilamento e criação. Quer afirmar mundo tal como ele é, “esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio e do eternamente-destruir-a-si-próprio”. Quer afirmar esta vida, interpretando seu caráter efêmero “como gozo da força procriadora e destruidora, como criação contínua”.

Neste subcapítulo nos dedicamos a apresentar as raízes da concepção de mundo dual. Esta sugere diferentes realidades: a realidade superior, que está fora do espaço-temporal e, portanto, é extramundana. E, a realidade inferior, que é representada pelo nosso mundo. Segundo Nietzsche, esta concepção nasce com a filosofia socrática, e continua se desenvolvendo ao longo da história da humanidade, criando raízes profundas. Estas serão investigadas e criticadas arduamente por Nietzsche.

Nietzsche, investigou incansavelmente os pensamentos socráticos, bem como, o que veio antes de Sócrates, por isso, no subcapítulo a seguir, vamos apresentar elementos gerais do pensamento socrático, tal como, alguns elementos da civilização grega pré-socrática, assim

⁴ O idealismo alemão, foi um movimento iniciado pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1755). Este promove uma crítica e uma fundamentação da metafísica. Esta crítica, segundo Feiler (2011), pode ser vista por dois ângulos, sendo eles: negativo e positivo. O primeiro, limita a razão aos limites da experiência. O segundo, se trata de um uso prático/moral da razão pura, indo além dos limites da sensibilidade. Para Nietzsche: “[...] Pela crítica que impõe limites à razão, Kant instituiu a moralidade num mundo transcendente. Com isso o filósofo de Königsberg acaba caindo novamente naquele dualismo entre corpo e alma, tal como em Descartes, o que para Nietzsche apresenta um atentado contra vida [...]” (FEILER, 2011, p. 49).

⁵ A “filosofia do martelo” de Nietzsche, se movimenta a fim de destruir todos os ídolos, que de alguma forma, escravizam o homem e a vida.

⁶ No livro Assim falou Zaratustra, Nietzsche apresenta a vontade de potência como uma vontade “vital inesgotada e criadora” (NIETZSCHE, 2019, p. 114), própria de todo existente.

como o referido filósofo fez em suas primeiras obras, tais como: *O Nascimento da Tragédia No Espírito da Música* (1871), e *A filosofia Na Época Trágica dos Gregos* (1873).

2.2. SOBRE O PENSAMENTO SOCRÁTICO

A ótica nietzschiana é marcada por uma crítica que permeia toda sua obra. Podemos dizer que esta crítica está centralizada no pensamento dicotômico, ou seja, em uma dualidade necessária e fundamentalmente essencial para a explicação de tudo que há, e de como tudo se comporta. Esta dualidade é revelada de forma demasiada no pensamento socrático e na moral cristã. Pois, ambas duplicam os mundos, criando uma concepção de mundo dual. Tomando o nosso mundo, como um lugar pecaminoso ou\o imperfeito, e o mundo ideal e\ou celestial como o mundo perfeito, eterno e imutável. Entretanto, Nietzsche nos revela que nem sempre foi assim.

Para Nietzsche, antes da era socrática, havia uma exaltação desta vida, ou melhor, uma afirmação da vida⁷. Considerando-se que a civilização grega pré-socrática mantinha um espírito dionisíaco,⁸ como escreveu Nietzsche “[..] é uma tradição incontestável que a tragédia grega em sua configuração mais antiga tinha por objetivo somente a paixão de Dionísio [...] “(NIETZSCHE, 1978, p. 9). Este espírito era símbolo de vivacidade, saúde, instinto, harmonia e aceitação do natural e da natureza, conduzia um povo que “dançava” que aceitava o devir, ou seja, o constante movimento de construir e destruir da vida. Ele ressalta, que os pré-socráticos mantinham uma ligação essencial com a natureza, uma paixão que unia a vontade humana ao natural.

⁷ Para entender a afirmação da vida para Nietzsche, partimos do conceito nietzschiano *amor-fati*. Com este, Nietzsche deseja aceitar a vida tal como ela é, ou seja, deseja afirmar a vida em sua complexidade: “Amor Fati: que isso seja doravante meu amor. [...] E, em resumo, desejo, qualquer que seja a circunstância, ser somente um afirmador.” (NIETZSCHE, 1981, p. 180).

⁸ O deus da mitologia grega, Dionísio, é apresentado por Nietzsche da seguinte forma: “Para que haja eterno prazer de criar, para que a vontade de vida afirme eternamente a si mesma, é preciso também que haja “tormento da parturiente” ... Isso tudo significa a palavra Dionísio: não conheço nenhum simbolismo mais alto que esse simbolismo grego, o das dionisias. Nele o mais profundo instinto da vida, o do futuro da vida, da eternidade da vida é sentido [...]” (NIETZSCHE, 1978, p. 344).

Na obra intitulada *O nascimento da tragédia no espírito da música*, de 1871, Nietzsche argumenta que o pensamento socrático concomitantemente ao espírito apolíneo⁹, torna-se um novo ideal. Ideal este marcado, segundo Nietzsche, pela morte de Sócrates: “[...] Sócrates morrendo tornou-se o novo ideal, nunca antes contemplado, da nobre juventude grega: e o típico jovem heleno, Platão, foi o primeiro a lançar-se, com toda a ardente devoção de sua alma arrebatada, aos pés dessa imagem.” (NIETZSCHE, 1978, p.13).

Sócrates vem a ser o novo centro do pensamento filosófico e, neste centro, temos uma forma do fazer filosófico em demasia racional, pois a razão¹⁰ é utilizada por Platão, como soberana em relação as demais dimensões humanas. Haja vista que para ele, devemos dominar através da razão nossas “piores partes”, nosso lado irracional avesso ao bom senso, no qual estão nossos instintos e desejos. Ou seja, agora temos um novo crivo para analisar a vida, o crivo da razão, isto é, a razão é quem determina o que cabe ou não a vida humana.

Platão, desenvolveu como centro de seu pensamento a *teoria das ideias*¹¹. Esta teoria irá revelar outra realidade de mundo, a saber: a realidade inteligível. Nesta está tudo que é verdadeiro, bom e perfeito. É imutável e, por conseguinte, é a realidade mais fundamental. Logo, esse mundo passa a ser o mundo das imperfeições, o mundo transitório, um mundo onde o verdadeiro conhecimento não pode ser alcançado, apenas buscado. Com isso, se instaura uma era de pensamento dual, abrindo a porta para uma dualidade metafísica. Como podemos observar, no livro IV da *República* de Platão, onde ele escreveu:

[...] Estes ornamentos que há no céu, na medida em que estão incrustados no visível, devíamos realmente considerá-los o mais belo e perfeito de tudo o que é visível, mas muito inferiores aos verdadeiros – muito inferiores aos movimentos pelos quais a velocidade essencial e a lentidão essencial, em número verdadeiro, e

⁹ A pulsão apolínea, é vista como fonte das artes plásticas, da escultura, bem como da arquitetura. Em complemento a isso, Patrick Wotling (2011, p. 18) escreveu: “[...] Apolo, o deus solar - das belas aparências luminosas; o deus da medida – do princípio de individuação, da imagem idealizada, purgadas da imperfeição da realidade [...]”.

¹⁰ Logos (razão), para Platão, de forma geral, pode ser entendido como a capacidade racional de fazer um relato verdadeiro da essência do ser. Em outras palavras: “Platão também usou o termo logos de vários modos, incluindo a oposição entre *mithos* e *logos*, onde significa um relato verdadeiro e analítico.” (PETERS, 1974, p.136).

¹¹ A teoria das ideias de Platão, tem como fundamento a afirmação de que existem ideias puras, que são originadas a partir da ideia de *bem*. Sendo esta, o princípio de todas as outras. Sob esta ótica, Giacóia (2000, p.10) afirmou: “[...]Tais formas puras, denominadas tecnicamente idéias por Platão, teriam sua origem na idéia do Bem — ou de Deus — que é a causa produtora de todas as outras idéias que são as formas gerais do universo. Tais entidades são inacessíveis a nossos órgãos dos sentidos; e imutáveis, uma vez que não estão submetidas às leis do espaço e do tempo. Por serem as responsáveis pela realidade de todo real, foram tradicionalmente denominadas realidade inteligível, em contraposição a uma segunda ordem de realidade, a realidade aparente ou sensível, que é aquela de que temos experiência ordinária.”

em todas as formas verdadeiras, se movem em relação a uma outra, e com isso fazem mover aquilo que nelas é essencial [...] (PLATÃO, 2012, p. 223).

O pensamento Platônico-socrático,¹² sem sombras de dúvida, deixa uma marca em todo pensar filosófico, em todo pensar humano. Ora, a partir de Sócrates temos um novo caminho, um caminho racional, ligado a uma dualidade necessária da existência, do conhecimento e da moral. Como interpretar esse novo caminho? Para onde esse caminho levará a humanidade? Quais serão as consequências desse novo ideal para a modernidade, tal como para a contemporaneidade? Serão portas metafísicas? Portas racionais? Portas construtivas, ou portas destrutivas? Estas perguntas encontram suas respostas de várias formas, por várias vias. Entretanto, as respostas dadas por Nietzsche abrem um outro viés¹³. E, na investigação filosófica devemos nos atentar para os caminhos, mas sem esquecer de olhar, por vezes, de forma não linear, para que não nos iludamos a ponto de pensar que já temos as “respostas essenciais” e pararmos o movimento das interrogações filosóficas. Pois, são estas que abrem novos horizontes, como fez a filosofia nietzschiana.

Neste subcapítulo, apresentamos elementos do pensamento socrático e da civilização grega pré-socrática, tais como: o amor e a aceitação do mundo e da vida pelos pré-socráticos, algumas bases do pensamento socrático, o lugar da razão para Platão e como este mundo passa a ser visto a partir do pensamento platônico-socrático. Nosso objetivo foi o de investigar a estrutura metodológica a que Nietzsche se opôs, criticou e construiu sua filosofia.

No subcapítulo a seguir, intitulado *sobre a moral cristã na perspectiva nietzscheana*, vamos apresentar elementos gerais do cristianismo na perspectiva de Nietzsche, para esclarecer as razões e verificar a consistência teórica da afirmação: “[...] o cristianismo é platonismo para o ‘povo’ [...]” (NIETZSCHE, 2011, p.17).

¹² A expressão Platônico-socrático, indica o pensamento filosófico de Sócrates que nada deixou escrito, mas que foi transportado para nós através dos livros de Platão, discípulo de Sócrates. Cabe ressaltar, que existem outras fontes do Sócrates histórico, entre elas: Xenofonte.

¹³ Nietzsche nos traz um novo viés filosófico, visto que, a filosofia para ele, é um movimento construtivo e destrutivo, tal como a vida. Pois, em um primeiro momento, o referido filósofo, desconfia, questiona e desconstrói estruturas já consolidadas do pensamento filosófico e da moral humana. Mas ele não para por aí, ele constrói por amor aos homens e a vida, novas possibilidades de se ver o mundo. Ele cria conceitos que nos ensinam a afirmar o movimento cáustico da existência e não mais negá-lo, por medo ou insegurança em relação ao vir-a-ser. Sendo assim, esse modo de fazer filosófico nos instigou a mergulhar em suas estruturas.

2.3. SOBRE A MORAL CRISTÃ NA PERSPECTIVA NIETZSCHEANA

O cristianismo, tornou-se o núcleo da moral humana. Este é o maior problema encontrado na filosofia nietzschiana, pois ele irá com toda a sua força argumentativa, filosófica e humana afirmar que a terra possui um valor único e valioso, se contrapondo a qualquer pensamento metafísico dualista. Na ótica de Nietzsche, o cristianismo se utiliza do dualismo para aceitar e explicar a vida, tornando este mundo apenas um lugar de passagem, tornando-o um lugar “feio” e escuro, onde o ser deve sofrer em prol de uma promessa de redenção, dando aos seres humanos um refúgio ilusório (o mundo ideal). À vista disso, não podemos negar que dentro da desconstrução filosófica do referido filósofo, o cristianismo ocupa um lugar central e, portanto, vamos investigar de forma breve a moral cristã.

O cristianismo nasce por volta do século I, tornando-se a religião oficial de Roma nos anos 313, tendo como precursor Jesus de Nazaré. Esta doutrina ganha forma e seguidores se espalhando na expansão do Império romano. Esta expansão ultrapassou vários séculos, bem como, tornou-se o guia de vários povos. Não se restringindo apenas a um único recorte temporal.¹⁴

A palavra Cristianismo, em um sentido geral, pode ser entendida como a religião que mantém a fé em Jesus Cristo seguindo sua moral e a promessa de redenção. Todo o ensinamento moral religioso foi transportado por um livro chamado de *Bíblia sagrada* e, também, de “palavra de Deus”. Este livro é considerado o livro mais vendido e lido do mundo. Ora, com isso podemos observar que esse pensamento ocupa um lugar central na Terra.

A religião Cristã é aquela que se estabelece decorrente da vida dos ensinamentos de Jesus, no primeiro século. Tornou-se a maior das religiões do mundo e, geograficamente, a mais difundida de todas. Conta com mais de dois bilhões de adeptos. Seus maiores grupos são a Igreja Católica Romana, as igrejas Ortodoxas Orientais e as Igrejas Protestantes. O cristianismo é mais do que um sistema de crença religiosa também originou uma cultura, um

¹⁴ Atualmente estima-se, segundo a pesquisa realizada por Doutores Júlio de Melo e Werner Vieira, que mais de 2 bilhões de indivíduos sejam adeptos ao cristianismo, e isso equivale 33% de toda população. In: MELO, Júlio de Fátimo Rodrigues de; VIEIRA, Werner Bessa. **A Religião Cristã e a Evolução da Ciência: Considerações Históricas**. Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2019, vol.13, n.48 SUPLEMENTO 1, p. 412-428. ISSN: 1981-1179.

conjunto de Ideias, um modo de vida. O cristianismo é, portanto, uma tradição viva de fé e cultura (MELO; VIEIRA, 2019, p. 413).

Dentro dos ensinamentos de Jesus, temos como objetivo último, alcançar a salvação eterna. Esta se dará em outra realidade, na realidade celestial. Que se localiza em outro mundo, em um mundo eterno, perfeito, puro. Preparado para os “santos”, que são aqueles que se santificam na Terra. Com isso, podemos observar que o céu é o lugar dos humanos, não a Terra. A Terra, nessa perspectiva, passa a ser apenas um lugar de passagem, onde os humanos devem se purificar se quiserem garantir seu lugar ao lado de Deus. Esta purificação também implica em uma renúncia das coisas terrenas, devido ao fato de que o nosso mundo contém em si tudo que é imperfeito. Em prol desse ideal temos que negar o nosso corpo em favor da elevação e da purificação da alma, que é claro, é mais elevada que o corpo para essa doutrina. Dado que nesta concepção existe uma separação entre alma e corpo, onde a alma é eterna, enquanto o corpo é um mero instrumento temporário.

A partir do que foi dito anteriormente evidencia-se o fato de o cristianismo ter assim como o platonismo, uma concepção de mundo dualista, pois apontam dois mundos completamente opostos, que não se completam. Em Platão temos o *mundo das ideias*¹⁵, onde está o eterno e o mundo sensível que é o mundo transitório. Sobre isso, Nietzsche (1978, p. 343) escreveu. “O ânimo diante da realidade distingue em última instância naturezas tais como Tucídides e Platão: Platão é um covarde diante da realidade conseqüentemente, refugia-se no ideal [...]”.

No cristianismo, temos o “melhor dos mundos”: o céu, onde está tudo que é bom, eterno e verdadeiro, e a Terra que é meramente um lugar de passagem e imperfeições. Separando as concepções dos mundos, tiram da Terra toda característica de lar, de um lugar que de fato pertence ao ser. Abrindo uma “porta” que nos conduziu a um lugar de negação, negação de vida, do corpo e do mundo. Haja vista que é nesta realidade onde podemos afirmar a nossa vida, o nosso corpo, aceitando todas as suas “imperfeições”, aceitando seu eterno devir.

Este subcapítulo é responsável por apresentar elementos gerais do cristianismo, a fim de esclarecer por que Nietzsche, apresenta a moral cristã como uma das razões para que os seres humanos neguem esta vida, em prol de uma outra realidade. Um dos motivos, como vimos, é a promessa de um outro mundo, um mundo ideal, livre de sofrimentos, em contraposição a este mundo, que para o cristianismo é o lugar do sofrimento.

¹⁵ Para Platão, existe um mundo superior ao nosso mundo (mundo sensível, dos sentidos), que é o mundo das ideias (ou formas), este possui ideias abstratas, perfeitas, imutáveis e preenchidas de um grau maior de realidade, que as coisas do mundo sensível, e, portanto, são por excelência, os exemplares perfeitos de tudo que temos na Terra.

No subcapítulo 2.4 será apresentada a crítica de Nietzsche à separação dos mundos, com base no conceito nietzschiano *décadence*, pois através deste, podemos compreender a negação da vida e do mundo como uma das formas de decaimento humano.

2.4. CRÍTICA DE NIETZSCHE À SEPARAÇÃO DOS MUNDOS

A crítica de Nietzsche à separação dos mundos, pode ser caracterizada como uma crítica a toda metafísica. Pois Nietzsche, vai contra qualquer pensamento *transcendente*, uma vez que afirmações deste gênero buscam por uma outra realidade, uma realidade metafísica presa às essências, acabando por desvalorizar o mundo real, tal como a própria vida. Pois, apresentam uma realidade metafísica, perfeita e bela, garantidora do conhecimento integral que deve ser buscado e esperado. Enquanto este mundo, passa a ser um lugar imperfeito e, que em sua natureza, não possui nada de valioso por si só. Para Nietzsche, esta desvalorização da Terra em prol de outra realidade é um sintoma de decaimento.

No tópico 1.1, desta monografia, nos questionamos para onde o caminho trilhado por Sócrates iria nos levar. E, para Nietzsche, esta porta abriu lugar para a *décadence*.

No pensamento Nietzschiano o conceito *décadence* caracteriza uma degeneração de uma organização vital específica, que antes, era organizada de forma harmônica onde os instintos que predominavam eram os que estimulam a vida e, depois através da tirania, passa a ser uma organização decadente, pois passam a predominar o instinto de preservação, bem como de negação da vida.

Considerando-se que os impulsos que são subordinados, ou melhor, dominados, provocam uma anarquia. Anarquia porque estes impulsos provocam o fim de uma estrutura organizada de forma hierárquica. Dado que na luta entre impulsos um quer se sobressair ao outro, desejando o domínio total. Os impulsos que desejam a anarquia, desejam sobretudo a desagregação desta mesma organização vital. Promovendo uma dominação tirânica, onde apenas uma corrente instintiva dominará a organização dos impulsos. Tirando todo caráter harmônico, se tornando uma constituição vital fraca, onde predomina o instinto de autopreservação que, por sua vez, gera o enfraquecimento da *vontade de potência*. Pois a autopreservação, limita a *vontade de Potência*, ao passo em que um ser humano forte “[...] por amor ao poder expõe a vida. É esta entrega do supremo: ser ousadia e perigo e um jogo de dados com a morte.” (NIETZSCHE, 2019, p. 115).

A *vontade de potência*, na obra *Assim Falou Zaratustra*, é apresentada dentro do aforisma “*Da autossuperação*” como aquilo que excita e nos move, nos incita a sempre querer mais poder, estabelecendo relações de dominação, fazendo com que tornemos pensável tudo que é, haja vista que tudo que é deve curvar-se diante de nós. Nesse mesmo aforisma, o filósofo afirma: “Onde quer que tenha encontrado algo vivente, lá encontrei vontade de poder [...]” (NIETZSCHE, 2019, p. 115). Sobre isso, Danúbia Maria Pacheco (2018, p.16) escreveu:

Tudo aquilo que vive possui um vínculo de dominação (mando e submissão) entre si. Entretanto, essa maneira de se relacionar não é particular ao convívio com outro vivente; a própria vivência individual é concebida como detentora de uma dinâmica de relações de domínio e sujeição interna. Existe uma pluralidade de vontades de poder em combates entre si, que se configuram como unidade, em cada ser vivo. Todavia, como ressalta Müller-Lauter, “unidade é unidade apenas como organização” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 75). Para Nietzsche, toda individualidade é algo complexo, é uma unidade de uma multiplicidade de quanta de poder que podem se organizar de maneira harmônica, hierarquizada ou de maneira anárquica, desestruturada; o que causará, como veremos adiante, o florescimento, a saúde ou o declínio, a doença dessa mesma estrutura orgânica.

A partir disso, podemos observar que a nossa constituição vital pode se organizar de forma harmônica, gerando florescimento e estimulando forças vitais da vida, bem como a *vontade de potência*. Mas também, de maneira tirânica caracterizando a *Décadence*, pois acabam promovendo, a necessidade de autopreservação, e por vezes, a negação da vida, por se tornar uma constituição vital fraca.

Vale ressaltar, que para Nietzsche, a autopreservação é apenas mais um sintoma da *décadence*, dado que a mesma não é capaz de dar vazão a *vontade de potência*, pois a *vontade de potência* inerente a todo existente, deseja sempre mais, mais poder, deseja sobretudo, superar a si mesmo, não se contenta apenas a continuar a existir. Nesse sentido, Pacheco (2018, p. 16) afirma:

Segundo o filósofo alemão, a predominância do impulso de autoconservação é um indício de um estado de escassez vital, de que o instinto primordial da vida – crescimento de poder – sofre delimitação; O instinto de autoconservação em nada se assemelha com o instinto fundamental da vida; é antes um sintoma de degenerescência da mesma. Enquanto vontade de poder, a vida pode, inclusive, renunciar à autoconservação. A luta ininterrupta de todo ser vivo é por crescimento, expansão, chegando até mesmo a um desperdício.

A decadência, segundo Nietzsche, teve seu início com Sócrates, como podemos observar no livro intitulado *Crepúsculo Dos Ídolos*, de 1888. Nesta obra Nietzsche afirma que Sócrates

trará o “remédio” para a tirania dos impulsos, que se espalhava pela velha Atenas. Nas palavras do filósofo:

Mas Sócrates adivinhou mais ainda. Viu o que estava *por trás* de seus atenienses nobres; compreendeu que seu caso, a idiossincrasia de seu caso já não era mais um caso excepcional: A mesma espécie de degenerescência se preparava por toda parte em silêncio: a velha Atenas caminhava para o fim. - E Sócrates entendeu que todo o mundo *necessitava* dele – de seu remédio, sua cura, seu artifício pessoal de autoconservação ... Por toda parte os intentos em anarquia; por toda parte se estava a cinco passos do excesso: *o monstrum in anima* era o perigo geral. “Os impulsos querem fazer-se tiranos; temos de inventar um *contratirano* que seja forte...” [...] (NIETZSCHE, 1978, p.330).

Dada a crise da cultura ateniense, Sócrates, proporciona ao mundo antigo algo capaz de dominar, salvar e reorganizar a existência, visto que: “Na luta por mais vontade de potência, todo impulso tem potencial para ser senhor e dominar os outros impulsos, mas quando há uma desintegração dos impulsos, quando eles se tornam independentes entre si, não há nenhum que consiga se sobrepor aos outros.” (PACHECO, 2018, p. 23). Neste cenário, para Sócrates, a única saída possível foi a exaltação do *logos*.

O filósofo ateniense, estabelece a verdade absoluta, que pode ser contemplada através da razão, a ela tudo deve se sujeitar, pois esta é imutável, racional, perfeita e transcendente. Sendo transcendente está em outro mundo, em um mundo sem ameaças, que antes de mais nada, garantira a autopreservação humana. Isso, segundo Nietzsche, gera uma negação do nosso mundo e de nossos instintos. Pois, agora a razão é a luz moral, capaz de controlar nosso lado obscuro e nos guiar para o mundo transcendente, fazendo com que esse mundo perca todo seu valor interno.

Para Nietzsche, Sócrates não cura Atenas da *décadence*, ele apenas traz à tona mais uma forma da doença, haja vista que tudo que existe possui *vontade de potência*, e, portanto, deseja e precisa superar a si. E, ainda, não se curar na ilusão de um outro mundo através da razão, com uma promessa de autopreservação.

A *décadence*, segundo o filósofo alemão, cresce com a moral cristã pois, esta nasce como fruto de instintos contrários a vida dado que em sua configuração possui rancor, ressentimento e compaixão. Nietzsche em sua obra *O Anticristo*, no aforisma sete, escreveu “Denomina-se cristianismo a religião da compaixão. A compaixão está em oposição às emoções tônicas, que elevam a energia do sentimento vital: tem efeito depressivo. Perde-se força, quando se compadece.” (NIETZSCHE, 1978, p. 347).

A compaixão vista por Nietzsche não é uma virtude dos nobres e aristocratas, para estes ela não passa de uma fraqueza, visto que ela é a base do *niilismo*¹⁶, pois a compaixão dá a vida mesma um caráter depressivo e problemático, persuadindo os seres ao nada. Nada, para referido o filósofo, equivale ao “além”; ou a ‘Deus’; ou ‘a verdadeira vida’ ou Nirvana, redenção, bem-aventurança...” (NIETZSCHE, 1978, p. 348).

Conceitos como *compaixão*, *Deus*, *vida verdadeira*, *além* sustentam uma negação da vida, e não estimulam a *vontade de potência*, que necessita de valores e instintos com espírito dionisíaco¹⁷. Bem como, não são capazes de produzirem seres humanos fortes, cheios de potência, mas, apenas, fracos e decadentes. Entre estes, podemos dizer que o conceito de *Deus* é o mais decadente, pois é:

Deus degenerado em contradição à vida, em vez de ser sua transfiguração e seu eterno sim! Em Deus declarada a hostilidade à vida, à natureza, a vontade de vida! Deus, a fórmula para toda calúnia do “aquém”, para toda mentira do “além”! O nada divinizado em Deus, a vontade de nada santificada! (NIETZSCHE, 1978, p. 351).

Assim sendo, *Deus* é a própria calúnia do mundo e da vida, pois ele é o “além” pelo qual, devemos negar o “aquém”, o aqui e o agora. Um “além” ilusório, contraditório, condenador do mundo.

A modernidade não consegue se “livrar” do pano de fundo do Cristianismo, pois continuou a conservar seus valores decadentes. Para Nietzsche, a modernidade tem o artista Wagner, como maior exemplo da *décadence*. Haja vista que ele se submeteu a moral asceta. Esta nega a vontade, o corpo, bem como, a espécie. Acabando por negar a vida. Nas palavras de Pacheco (2018, p. 25):

Na ascese a vontade seria rejeitada a todo momento e não apenas na contemplação artística. “Somente o filósofo da *décadence* revelou o artista da *décadence* a si mesmo” (WA/CW- O caso de Wagner, § 4). Friedrich Nietzsche relaciona Wagner com um artista decadente por ele ter se deixado submeter à moral do asceta. Wagner não quer a salvação pela própria arte, ele quer a salvação pela moral. Quando introduz no seu projeto da Obra de Arte Total esse moralismo ascético que rejeita e nega a vontade, vindo de Schopenhauer, assume para si mesmo, o posto de asceta e de artista, onde a arte não se colocaria à serviço da vida, como o filósofo do martelo defende, mas da moral. O artista, para Nietzsche, deveria ser justamente o oposto do asceta, pois, enquanto este nega a vida, o artista a afirma.

¹⁶ Nietzsche em sua obra *Sobre o Niilismo e o Eterno retorno*, apresenta o *niilismo* em um sentido geral, como: “[...] a radical recusa de valor, sentido, desejabilidade [...]” (NIETZSCHE, 1978, p. 380).

¹⁷ O espírito dionisíaco é, para Nietzsche, aquele que aceita o vir-a-ser da vida, é aquele que quer afirmar este mundo tal como é. Segundo Scarlett Marton (1994, p. 3): “Não é por acaso que Nietzsche se diz ‘um discípulo do filósofo Dioniso’. Ele reivindica a necessidade de destruição, mudança, vir-a-ser; reclama o processo permanente de aniquilamento e criação. Quer afirmar este mundo tal como ele é [...]”.

A partir disto podemos observar que, para Nietzsche, torna-se decadente tudo aquilo que não consegue estimular de forma positiva a *vontade de potência*, esta é afirmativa, estimulante, e não transcendente, portanto, se localiza aqui e agora, nesta vida, neste mundo e em cada existente. Negar o mundo real para o filósofo alemão, não foi, nem nunca será o caminho que o ser humano deve trilhar. Pois este é o nosso mundo, é apenas aqui, que podemos nos superar.

Neste subcapítulo, tomamos através de Nietzsche, o platonismo, o cristianismo, e a modernidade como momentos de *décadence*, pois ambos, em sua configuração interna estão apegados a um instinto de autopreservação, que gera a negação deste mundo e desta vida tal como ela é. Desejando encontrar em outro mundo, uma realidade mais elevada, ou (e) mais segura. Mas isso, para Nietzsche, é um grande erro, pois aquilo que temos de mais elevado a *Vontade de potência* é inerente a vida, a existência, ao aqui e agora.

No próximo capítulo, em um primeiro momento, apresentaremos a concepção de vida como *vontade de potência* para, em seguida, investigarmos nas diferentes fases do pensamento de Nietzsche, as formas da *afirmação da vida* no mundo presente, a partir das seguintes obras: *O nascimento da tragédia no espírito da música*, *Humano, Demasiadamente Humano- Um livro para espíritos livres* e *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*.

3. A AFIRMAÇÃO DA VIDA SE FAZ NESTE MUNDO

A filosofia de Nietzsche, se apresenta como uma filosofia da afirmação da vida, pois em suas obras, defendeu de diferentes formas, o valor da existência neste mundo. Estas formas se apresentaram, nas primeiras obras de Nietzsche, pelo viés artístico, na fase intermediária pelo prisma da ciência e, em sua fase da maturidade, através de seus conceitos-chaves. Sendo assim, no presente capítulo, vamos identificar essas diferentes formas de afirmação, partindo das obras: *O nascimento da tragédia no espírito da música* (1872), *Humano, Demasiadamente Humano- Um livro para espíritos livres* (1878) e *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém* (1885). Mas, como um movimento anterior a esta busca, apresentaremos o que é a *vida* na perspectiva de Nietzsche, para que assim, fique demonstrado que ele não está afirmando uma outra vida em um outro mundo, mas sim, a vida mesma, ou seja, a vida como *vontade de potência*¹⁸.

Cabe ressaltar que, com este capítulo pretendemos, sobretudo, investigar a pergunta filosófica acerca do que caracteriza a *vida*, na ótica nietzschiana.

3.1. O QUE É A VIDA?

O que é a vida? Esta é uma das perguntas que rodeia a humanidade desde seus primórdios. Haja vista que todos queremos saber o que é isso, que ocorre dentro de um espaço-temporal intramundano, e tem como dois grandes marcos: o nascimento e a morte.

Dentro da história da humanidade, obtivemos uma resposta sobre a pergunta “o que é a vida?” que se fortificou ao longo do tempo. Esta resposta, conta com um dualismo entrelaçado a verdades imutáveis e transcendentais, que supostamente, servem para garantir uma outra vida, que será mais satisfatória, eterna e perfeita.

Esta concepção é excludente, pois criou mundos opostos, onde nossa vida na terra, é temporária, vã e de pouco valor. O criador desta tese, segundo Nietzsche, foi Platão. Em contrapartida, a argumentos deste gênero, Nietzsche, nos apresenta a vida como *potência*. Como

¹⁸ Este termo pode ser entendido para Nietzsche como: “[...] um processo de domínio e crescimento.” (WOTLING, 2011, p. 62).

força, como algo que deve ser afirmado e amado, como aquilo que supera a si mesmo: “E este segredo me foi dito pela própria vida: “vê”. Falou, *sou aquilo que precisa superar a si mesmo.*” (NIETZSCHE, 2019, p. 115).

Na concepção filosófica de Nietzsche, *força, luta, superação, vir-a-ser, construção e destruição*, são elementos constitutivos da própria vida. Uma vez que Nietzsche, identifica a vida como *vontade de potência*. Nesse sentido, o filósofo escreveu: “Vida, a forma do ser que nos é mais conhecida, é especificamente vontade de acumular força: — todos os processos da vida têm aí sua alavanca; nenhuma coisa quer conservar-se, tudo deve ser adicionado e acumulado.” (NIETZSCHE, 1993, p. 236). Sobre isso, Scarlett Marton (1990, p. 91) afirmou: “[...] a vida é constituída por forças que interagem, criando diversas configurações e assumindo várias formas de coordenação e conflito [...]”. Cabe ressaltar, que esta identificação da vida como *vontade de potência* aparece, pela primeira vez, na obra *Assim Falou Zaratustra*.

Ora, com isso, podemos perceber que a *Vontade de potência*, conceito tão caro à filosofia de Nietzsche, é responsável por nos guiar a tradução do que é a vida. O referido conceito, em uma primeira formulação, como apresentado no capítulo anterior, aparece como uma vontade orgânica atuante nos inúmeros seres vivos microscópicos constituintes do organismo. Estabelecendo uma luta constante, onde as células mais fracas obedecem às mais fortes, entretanto, nunca de forma definitiva. Sobre isso, no *Dicionário Nietzsche* (2016, p. 442), afirma-se:

[...] Atuando em cada elemento, encontra empecilhos que nos rodeiam, mas tenta submeter os que a ele se opõem, e colocá-los a seu serviço. É por encontrar resistência que se exerce; é por se exercer que torna a luta inevitável. Efetivando-se, a vontade de potência faz com que a célula esbarre em outras que a ela resistam: o obstáculo, porém constitui um estímulo. Com o combate, uma célula passa a obedecer a outra mais forte, um tecido submete-se ao outro que predomina, uma parte do organismo torna-se função de outra que vence – durante algum tempo. A luta desencadeia-se de tal forma que não há pausas ou fins possíveis; mais ainda, ela propicia que se estabeleçam hierarquias – jamais definitivas.

Esta *potência* não aceita a vontade de conservar-se como essencial, ou necessária, e por isso, a vida como *vontade de potência*, é para Nietzsche, o oposto da vida como vontade de conservação. Pois, o filósofo argumenta, que o instinto primordial da vida tende ao crescimento da potência, a superação, excluído a autopreservação. Nas palavras de Nietzsche (1981, p. 236): “[...] verdadeiro instinto fundamental da vida que tente à extensão de potência e que, por essa vontade, põe em questão e frequentemente sacrifica a autoconservação”.

Em suma, por um lado, temos a vida como “um corpo sem valor”, já que neste mundo, contamos com a imperfeição, o sofrimento e a morte. E, por outro, como Nietzsche, nos

apresenta, a saber: a vida como superação de si, como uma luta de micro-organismos por mais poder, sem temer o sofrimento e a morte, ou buscar a autopreservação. Com isso, o filósofo, nos incita a olhar para a vida e dizer “*foi isto a vida? Pois bem! Mais uma vez!*” (NIETZSCHE, 2019, p. 153).

Assim, dizemos sim à nossa *vontade de potência*, ou seja, à vida. Em outras palavras, mostra-se em nós o *amor-fati*¹⁹. Visto que, através deste conceito, Nietzsche, ensina a humanidade, a amar a vida em sua totalidade, suspendendo a negação e acendendo-se para afirmação, bem como para amar aquilo que é necessário nas coisas, para que dessa forma, este movimento cáustico e vivo de nossa existência, não se torne algo a ser rejeitado. Nas palavras de Nietzsche (1981, p. 180):

Desejo apreender sempre como beleza o que há de necessário nas coisas; assim, seria eu daqueles que tornam belas todas as coisas. *Amor-fati*: que esse seja doravante o meu amor. Não desejo acusar, tampouco acusar os acusadores. Desviar os olhos, que esta seja minha única negação! E, em resumo, desejo qualquer que seja a circunstância, ser tão somente um afirmador. (NIETZSCHE, 1981, p. 180).

Neste subcapítulo, apresentamos a concepção de vida de Nietzsche, em contraposição a um conceito de vida perpetuado pelo platonismo. O filósofo alemão, como vimos, traz a vida como *vontade de potência*, ou seja, como força, como algo que está sempre em um processo de superação. Em complemento a isto, também destacamos que esse movimento vivo de múltiplas forças não deve ser negado, mas sim, afirmado, através do *Amor-fati*.

No subcapítulo seguinte, intitulado *A afirmação do mundo a partir das diferentes fases da filosofia de Nietzsche*, vamos nos dedicar a analisar as diferentes formas pelas quais Nietzsche afirmou a vida neste mundo. A fim de demonstrarmos que, na filosofia de Nietzsche, o mundo presente é o único necessário para que o ser humano possa se tornar um afirmador do existir.

3.2. A AFIRMAÇÃO DO MUNDO A PARTIR DAS DIFERENTES FASES DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

¹⁹ No vocabulário de Friedrich Nietzsche, o *amor-fati* é definido como: “Retomada de uma fórmula emprestada do estoicismo romano, o *amor-fati*, literalmente “amor ao destino”, é uma das expressões pela qual Nietzsche designa o assentimento, o sim, como atitude geral para com a realidade.” (WOTLING, 2011, p. 14).

Nietzsche não olha e vive em seu tempo como um ser passivo, mas sim, como um grande crítico. Em seus primeiros escritos (primeira fase de sua filosofia)²⁰, o jovem filósofo, se contrapunha aos princípios da modernidade, que se estruturaram a partir do ideal de progresso lógico\natural, bem como da valorização da intelectualidade erudita e da burocracia em demasia. Que, de acordo com o filósofo, se estruturaram a partir do modelo socrático de civilização. Nas palavras de Karasek (2013, p. 26): Nietzsche promove “[...] a denúncia do mundo moderno como uma civilização construída a partir do modelo socrático.” Nesta fase, foi influenciado pelo pessimismo de Schopenhauer (1788-1860). Este, não considerava o universo como fruto da vontade de deus, ou mesmo, do intelecto, nem tão pouco de um princípio racional. Para ele, a essência do universo é uma vontade (impulso) cega, insaciável e que está eternamente buscando satisfazer-se. Outra grande influência do jovem Nietzsche, foi o músico Richard Wagner (1813-1883). Este também, sob as luzes do pensamento de Schopenhauer, defendeu que a música é a forma mais válida de manifestação da vontade. Nesse sentido, Oswaldo Giacóia (2000, p. 17), afirma:

Tomando Wagner e Schopenhauer como seus aliados, Nietzsche empreende uma crítica radical das tendências culturais dominantes em seu tempo, caracterizadas por uma confiança ingênua nas idéias de evolução e progresso lógico ou natural, no curso dos quais a humanidade teria alcançado um estágio de desenvolvimento em que estaria em condições de, humanizando a natureza e racionalizando a sociedade, aproximar-se do ideal da felicidade universal.

A partir do que foi dito acima, podemos constatar, que o jovem Nietzsche, se encontrava insatisfeito com os rumos de seu tempo. E junto a isso, estava influenciado pelo pressuposto de Schopenhauer, de que o mundo seria regido por uma vontade cega, sem finalidade e eternamente sofredora, bem como por Richard Wagner. E, é neste contexto, que Nietzsche se coloca diante de uma grande questão, a saber: “[...] a eterna pergunta pela razão de ser e pelo sentido da existência humana no mundo” (GIACÓIA, 2000, p. 57). E, foi recorrendo ao antigo mundo grego, que o filósofo encontrou o início de uma resposta para a pergunta que o acompanhou em toda a sua filosofia.

A resposta encontrada foi pelo viés artístico, pois a arte aparece como forma de afirmação e justificação da existência. Sobre este aspecto da arte, o filósofo afirmou:

²⁰ A fim de analisarmos as diferentes formas de afirmação da vida neste mundo, presentes na filosofia de Nietzsche de forma didática, optamos por utilizar a divisão de fases do pensamento filosófico dele, apresentado pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacóia. Segundo ele: “O primeiro período estaria situado, aproximadamente, entre os anos 1870 e 1876. Um segundo momento vai de 1876 a 1882, sendo seguido pela derradeira fase, iniciada em 1882 e abruptamente interrompida em 1889. Essa periodização é sobretudo determinada pela seqüência das obras características de cada uma das fases.” (GIACÓIA, 2000, p. 15-16).

[...] De que outro modo aquele povo, tão excitável em sua sensibilidade, tão impetuosos em seus desejos, tão apto unicamente para o sofrimento, teria podido suportar a existência, se esta, banhada em glória superior, não lhe tivesse sido mostrada em deuses? O mesmo impulso que chama a arte para vida, como a contemplação e perfeição da existência que induz a continuar viver, fez também surgir o mundo olímpico, que a ‘vontade’ helênica mantinha diante de si como um espelho transfigurador. Assim os deuses legitimam a vida humana, vivendo-a eles mesmo - a única teodiceia satisfatória! [...] De tal modo que agora se poderia dizer deles, invertendo a sabedoria de Silenos “O pior de tudo é para eles morrer logo, em segundo lugar simplesmente morrer”. Se alguma vez o lamento soa, é mais uma vez pela curta vida de Aquiles [...]. (NIETZSCHE, 1978, p. 7).

A partir desse breve fragmento, pode-se notar que a arte aparece como uma contemplação e um esmero da própria vida, fazendo com que ela se torne desejável em seus diferentes estados. Outro aspecto a ser ressaltado é o valor intransponível da vida, que é representado pela escolha dos deuses de viverem neste mundo, a trágica e alegre vida humana. Nietzsche, similarmente a isso, aponta uma valorização deste mundo ao nos apresentar uma inversão do mito de Sileno²¹. Segundo este, morrer seria a melhor de todas as coisas. Entretanto, Nietzsche, nesta citação afirma o oposto. Na continuação deste texto, o jovem Nietzsche escreveu “[...] não é indigno do maior dos heróis aspirar a continuação da vida, mesmo que seja como tarefeiro.” [...] (NIETZSCHE, 1978, p. 7). Através disso, realça-se, a legitimidade do desejo de existir no mundo presente, independente do que será vivenciado.

A tragédia grega, segundo Nietzsche, se caracteriza através de dois centros, Apolo e Dionísio. O primeiro, representa a sabedoria, a precaução, a justiça, bem como a bela forma das figuras. É considerado o deus do *princípio de individuação*²², e das artes figurativas. Já o segundo, o deus da música, é movido pelo êxtase e pela embriaguez, e rompe com o princípio de individuação, pois possui o papel de “[...] reconstruir uma espécie de unidade originária da natureza, anterior a diferenciação em indivíduos separados [...]” (WOTLING, 2011, p. 30).

Nesse sentido, Nietzsche (2007, p. 29) escreveu: “Até agora examinamos o apolíneo e seu oposto, o dionisíaco, como poderes artísticos que, *sem a mediação do artista humano*, irrompem da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos desta se satisfazem imediatamente e por via direta [...]”. Com isso, podemos notar, que estes impulsos são inerentes à própria natureza humana. E mesmo que eles sejam opostos, não se negam, pois na tragédia,

²¹ Sobre o mito de Sileno, Oswaldo Giacóia escreveu: “[...] à proverbial lenda de Sileno, sábio acompanhante do deus Dionísio. Apolodoro narra que o rei Midas empreendeu caça a Sileno, para que este lhe revelasse o maior de todos os segredos: o que seria para o homem o melhor e o mais digno de desejar. Finalmente apreendido e forçado a falar, Sileno teria respondido: Estirpe miserável e transitória, filhos do acaso e da fadiga, por que me forças a dizer o que para ti seria mais vantajoso não ouvir? O melhor de tudo é totalmente inatingível para ti: não ter nascido, não ser, ser nada. E o melhor, em segundo lugar, é, para ti, morrer logo.” (GIACOIA, 2000, p. 18-19).

²² O princípio de individuação é responsável pela particularização de indivíduos onde o ser humano passa a se perceber como diferente dos demais.

não se nega o conflito, mas afirma-o. Desta maneira, Nietzsche, encontra através da arte, uma forma de afirmação da vida mesma podendo ser considerada, segundo Karasek (2013, p. 19), um filósofo trágico: “Nietzsche pode ser considerado um filósofo trágico devido a sua aceitação irrestrita da tragicidade da vida e de sua afirmação de um caráter efêmero e contraditório do mundo.”

Esta estrutura artística é, para Nietzsche, capaz de dar vazão a vida, pois: “Toda arte, toda filosofia podem ser consideradas como remédio e auxílio ao serviço da vida em crescimento e em luta [...]” (NIETZSCHE, 1981, p. 267). Então, pode-se afirmar que a arte promove uma defesa (justificativa) a vida, se tornando transfiguradora. Ou seja, invertendo afirmações que buscam maldizer ou depreciar a existência, pois a arte está a serviço da vida.

A segunda fase do pensamento nietzschiano é marcada pela ruptura com a filosofia de Schopenhauer e com o músico Wagner. Pois, agora, não é mais a arte que cumpre o papel de tornar a vida apaixonante, mas sim, a ciência. Em *Humano, demasiadamente Humano – um livro para espíritos livres* (1878), Nietzsche apresenta o ser humano científico como um subsequente em relação ao ser humano artístico. Sobre isso, ele argumenta que:

Antes de mais nada, durante milênios ela ensinou a considerar com interesse e prazer a vida sob todas as suas formas e a levar tão longe nossa sensibilidade que finalmente exclamamos: “Seja o que for a vida, é boa.” Essa teoria da arte, de ter prazer na existência e encarar a vida humana como um pedaço da natureza, sem comoção demasiado violenta, como objeto de uma evolução regular – essa teoria se enraizou em nós e agora vem outra vez ao lume como necessidade toda-poderosa do conhecimento. Poder-se-ia renunciar à arte, não se perderia com isso a capacidade aprendida com ela [...] O homem de ciências é uma forma ulterior do artista. (NIETZSCHE, 2007, p.161).

A partir disso, nota-se que Nietzsche passa a olhar para a ciência como um caminho libertador para o ser humano. Nesse sentido, Giacóia escreveu: “[...] para o Nietzsche do período intermediário o conhecimento científico toma livre o espírito e, como herdeiro da riqueza e da elevação de ânimos produzidas pela arte, passa a assumir uma função transfiguradora, embelezadora da existência.” (GIACÓIA, 2000, p. 25).

É digno de nota, que na referida obra de Nietzsche, a vida continua sendo tratada com um valor intransponível. Observa-se isso, no aforismo 88, onde Nietzsche afirma: “Há um direito que nos permite tirar a vida de alguém, mas não há nenhum que nos permita tirar dele a morte: isso é pura crueldade.” (NIETZSCHE, 2007, p. 79).

A relação referida acima entre arte e ciência, será mais aprofundada na obra de Nietzsche intitulada *Aurora: Pensamentos Sobre os Sentimentos Morais* (1881). No aforismo 550 desta obra, o filósofo afirma que não se espera de espíritos que valorizam em demasia o mundo dos sonhos, da imaginação e da ideia, uma capacidade de valorizar o seu oposto: a

realidade. Pois para estes, a realidade não possui beleza. Em oposição a este ideal, Nietzsche aponta que aquele que se dispõe a conhecer sob a luz da realidade, dificilmente a percebe como feia. “A felicidade daqueles que conhecem aumenta a beleza do mundo e torna mais ensolarado tudo que existe; o conhecimento não se limita a envolver as coisas com sua beleza, mas a introduz, de uma maneira duradoura, nas coisas [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 262). Na sequência desse aforismo, Nietzsche toma Platão, Aristóteles, Descartes e Spinoza, como aqueles que viram no conhecimento a felicidade mais suprema.

Com isso, Nietzsche se apresenta para nós, seus leitores e leitoras, como um ser disposto a mergulhar nas profundezas da ciência, levando em consideração que ela não troca a realidade por sonhos ou idealidades. Segundo Oswaldo Giacóia, este espírito científico de Nietzsche, estará presente em toda sua obra, através da busca de aperfeiçoamento em diferentes saberes: filologia, psicologia, genealogista da moral, ciências naturais, fisiologia e biologia.

A terceira fase da filosofia de Nietzsche nasce através de uma de suas mais belas obras, a saber: *Assim falou Zaratustra- Um livro para todos e para ninguém* (1885). Esta obra “[...] condensa efetivamente todos os focos de interesse que constituem o âmago do pensamento de Nietzsche: a desconstrução da metafísica, a denúncia da hipocrisia moral, as preocupações com a educação, a política e o destino da cultura, a crítica do Estado.” (GIACÓIA, 2000, p. 31). Bem como se mostra, como a obra mais afirmadora de todas, pois ela nos apresenta o grande projeto nietzschiano: o *Além-do-homem*²³. Este é aquele que pode dar vazão à *vontade de potência*, superando todos os valores decadentes, e dizendo sim à vida. Mas, para que o ser humano se torne o *Além-do-homem* é necessário que ele se desvincule de suas velhas amarras, valorizando de forma imprescindível um “sagrado dizer sim” à vida, ao mundo e ao corpo. Pois, o filósofo alemão, destaca que para haver uma superação o ser humano precisa elevar-se. Elevar-se na filosofia de Nietzsche, significa superar a si e as correntes metafísicas, que fizeram do ser humano um animal de rebanho e um condenador de mundo. Pois, “[...] O homem como existiu até agora, é apenas uma ponte, um momento de passagem, uma fase que deve ser superada.” (VATTIMO, 2010, p. 315).

Nesse sentido, Nietzsche nos apresentou três etapas para esta transformação no primeiro discurso de Zaratustra, denominado *Das três transformações*, nas palavras de Nietzsche (2019,

²³ O conceito além-do-homem, indica a superação do ascetismo e do niilismo, presente na cultura europeia. Como afirma-se, no vocabulário de Friedrich Nietzsche: “Embora o termo além-do-homem sublime fortemente a ideia de superação, essa superação não é a do homem em geral [...], e sim do tipo de vida humana predominante na cultura europeia contemporânea, acética e vítima do niilismo [...]” (WOTLING, 2011, p. 12-13).

p. 35): “Enumero três transformações do espírito: Como o espírito se torna camelo, o camelo leão, e, por fim, como o leão se torna criança.”

Primeiro, o ser humano se torna camelo, um espírito de carga e um ser obediente, que aceita a submissão. Depois, torna-se leão e cria um não diante da obrigação, diante dos valores metafísicos que nortearam a humanidade. Tornando-se livre dessas correntes, mas ainda não é livre para criar. E, para isso, transforma-se em criança. Isto é, se torna esquecimento, inocência, um recomeço um “sagrado dizer sim”.

Neste subcapítulo, através de um mapeamento de elementos centrais da afirmação da vida neste mundo, na filosofia de Nietzsche, notamos num primeiro momento através da visão de Nietzsche da tragédia grega, que este mundo é o grande palco da vida, pois é aqui que tudo acontece. Num segundo momento, nota-se que para Nietzsche o conhecimento das coisas mesmas, isto é, a realidade torna o mundo mais iluminado. Com esta afirmação realça-se que ciência está a serviço da valorização do mundo e da vida presente. Por fim, através do conceito *Além-do-homem* constatamos a afirmação da vida neste mundo por excelência, pois este representa a superação do velho homem. Ou seja, daquele que se apegava a valores metafísicos e negava este mundo, em prol de uma outra realidade.

No próximo capítulo, nos dedicaremos à investigação dos conceitos basilares da filosofia de Nietzsche, a saber: *amor-fati*, *além-do-homem*, *a morte de Deus*, *eterno retorno*, *niilismo* e *Vontade de Potência*, a fim de analisarmos a afirmação da vida neste mundo, a partir destes conceitos.

4. SOBRE OS CONCEITOS NIETZSCHIANOS

Nietzsche, o filósofo dinamite²⁴, se destaca, muitas vezes, pelo seu caráter devastador. Pois, através de sua filosofia, questionou e (ou) suspeitou de verdades consolidadas pela moral humana, a fim de promover uma grande crítica aos valores que nos nortearam, em sua perspectiva, para uma grande ilusão. Esta ilusão é vista por Nietzsche, através da crença de que existem dois mundos (como apresentado no primeiro capítulo desta monografia). Para promover a queda deste ideal, Nietzsche nos presenteou com um arcabouço conceitual, capaz de nos guiar para um novo modo de se pensar a vida e o mundo, onde este mundo passa a ser visto como necessário, e não mais, como um mero lugar temporário.

Desta forma, temos como objetivo neste capítulo, nos aprofundarmos nos conceitos que marcaram o percurso percorrido por Nietzsche para superar a “grande ilusão”.

4.1. SOBRE O *NIILISMO* E A *MORTE DE DEUS*

Não mais querer, não mais desejar, não mais criar. Partimos destes estados, para entender, o que Nietzsche designa por *niilismo*. Visto que, o filósofo alemão, em sua obra *Sobre o niilismo e o eterno retorno* (1881-1888), nos apresenta o sentido mais geral deste conceito, como: “[...] a radical recusa de valor, sentido, desejabilidade.” (NIETZSCHE, 1978, p. 380). Assim, podemos perceber, que tanto, um ser humano, quanto uma civilização *niilista* não tem em sua configuração sentidos ou valores para responder as seguintes perguntas: “por quê?” e “para que?”. Pois, tudo é visto como desprezível e sem valor. Aquilo que um dia, se apresentou como a grande estrutura do mundo, não é mais aceitável. Nesse sentido, Wotling (2011, p. 50) escreveu:

Na sua forma extrema, traduz um sentimento de angústia: percebemos que o mundo não corresponde aos esquemas mediante os quais o interpretávamos, que o mundo não vale o que pensávamos que valia, donde o desânimo, a paralisia, a sensação generalizada de “para quê?” e da inutilidade de todos os objetivos que tínhamos propostos para nós mesmos. Trata-se, pois, de um niilismo do declínio, do esgotamento, de uma forma de imersão no pessimismo e no sentimento inibidor da vacuidade de tudo: nada tem valor, nada vale a pena.

²⁴ Nietzsche em sua autobiografia, se apresenta da seguinte forma: “Eu não sou um homem, sou uma dinamite” (NIETZSCHE, 2009, p. 102).

Sobre a estrutura geral do *niilismo* e seus motivos, Vattimo (2010, p. 27-28) afirmou que para Nietzsche, ao se colocar o valor da vida em uma ordem providencial, ou em qualquer instância que seja externa a própria vida, como por exemplo: no além. Tira-se da existência qualquer valor fundamental. Em outras palavras:

Este, de fato, em seu significado mais, geral, se define como a perda de todo sentido e valor do mundo; chega-se a esse ponto através de um desenvolvimento que engloba o socratismo, o platonismo, o cristianismo. Na verdade, o niilismo não é apenas o reconhecimento da ausência de qualquer significado e de qualquer ordem racional no devir; já é niilismo, enquanto representa o primeiro passo que levará necessariamente aos seguintes, a atribuição de um sentido e de uma finalidade ao mundo, justificação daquilo que acontece mediante qualquer razão que está além ou acima do próprio fato. O desenvolvimento pode ser esquematizado deste modo: a racionalidade e o valor existem enquanto ordem finalista da história; mas a experiência histórica mostra que, na realidade, no devir histórico não existe nenhuma ordem providencial ou nenhum sentido abrangente; portanto, em absoluto, não existem ordem, sentido e valor das coisas, e o homem perde qualquer ancoradouro que possa dar direção à sua ação no mundo. (VATTIMO, 2010, p. 27-28).

O *niilismo*, segundo Patrick Wotling (2011), pode ser dividido em dois grandes polos na filosofia de Nietzsche, que são, o *niilismo passivo* e o *niilismo ativo*. O primeiro, pode ser entendido por esse radical estado depressivo e angustiante, onde, apenas se deslumbra o nada. Em outras palavras: “[...] última vontade do homem, sua vontade do nada, o niilismo.” (NIETZSCHE, 2010, p. 103). O segundo, o *niilismo ativo*, não se perde diante do nada, ele vê nesse lugar vazio e sem resposta, novas possibilidades de criação. Nesse sentido, Wotling (2011, p. 50) afirmou: “O desmoronamento dos valores acarreta então não a angústia, mas a alegria de ter que criar novas interpretações das coisas e, sobretudo, valores novos [...]”.

Este último, está ligado ao conceito nietzschiano *Morte de Deus*, pois como Wotling (2011, p. 50) argumenta, a *morte de Deus* é uma interpretação figurada do *niilismo ativo*. Nota-se essa relação no aforismo 343 da obra, *A gaia Ciência*. Com esta passagem, Nietzsche, apresenta a morte do antigo Deus, como uma nova aurora, onde, desprovidos de valores e referências os espíritos livres e os filósofos poderão adentrar novamente ao grande mar do conhecimento. Nas palavras de Nietzsche (1981, p. 226): “[...] todos os acasos daquele que busca o conhecimento são novamente permitidos; o mar, nosso grande mar abre-se novamente diante de nós e talvez nunca tenha havido um mar tão ‘pleno.’” Ora, a partir disso, compreende-se que tanto a *morte de Deus*, quanto, o *niilismo ativo*, são tratados como meios positivos para que o ser humano desprovido das velhas verdades, possa criar e trilhar novos caminhos.

A *morte de Deus* aparece, pela primeira vez, no aforismo intitulado *o insensato*, na obra *A gaia Ciência*. O homem louco (insensato) é aquele visto na filosofia de Nietzsche, como o

último homem, ou seja, aquele que ainda é filho de seu tempo, nesse caso, da modernidade. Este homem está procurando Deus no mundo, nas igrejas, nos templos, mas não o encontra, e então, constata que: “*nós o matamos, vós e eu! Nós todos, nós somos assassinos!*” (NIETZSCHE, 1981, p. 134). Este “assassinato” acontece, dado que Deus, ou seja, todo arcabouço moral, idealista, metafísico, não consegue mais responder aos questionamentos do homem. Em complemento a isso, Giacóia (2000, p. 13) afirma: “Para Nietzsche, a morte de Deus é uma expressão simbólica do desaparecimento desse horizonte metafísico, baseado na oposição entre aparência e realidade, verdade e falsidade, bem e mal.”

Neste subcapítulo, apresentamos primeiramente, as duas grandes variações do *niilismo*, a saber: o passivo e o ativo. O primeiro, é um estado depressivo, onde não há lugar para novos horizontes, ou mesmo, para uma afirmação da vida, pois, tudo é reduzido a um grande nada. Com a segunda variação, já notamos, o caráter afirmador, visto que, através deste se torna possível criar sentidos novos para o mundo e para a vida. Posteriormente, apresentamos a *morte de Deus*, como o fim de toda estrutura metafísica que subjugou o mundo e a vida presente.

No próximo subcapítulo, vamos examinar o caráter criador do conceito nietzschiano *vontade de potência*.

4.2. SOBRE A *VONTADE DE POTÊNCIA*

Identificamos a *vontade de potência* nesta monografia, como algo que deseja sempre mais poder, estando sempre em um processo de superação. Mas, agora, investigaremos como esta superação acontece em um indivíduo ou mesmo em um povo. Para tanto, levaremos em consideração, que a *vontade de potência*, é apresentada de forma geral como uma vontade criadora. Nas palavras de Nietzsche: “[...], mas aquela vontade mesma, a vontade de poder – vontade vital inesgotada e criadora.” (NIETZSCHE, 2019, p. 114).

Nota-se, que a criação constitui a *vontade de potência* e, segundo Nietzsche, é por meio dela que ocorre a superação. Nesse sentido, Nietzsche (2019, p. 64) afirmou:

Nenhum povo jamais pôde viver sem antes avaliar; mas se quer se manter, então não pode avaliar como avalia o vizinho.
Conforme descobri, muito do que é bom para este povo é escárnio e impróprio para um outro. Vi muitas coisas serem chamadas más aqui e lá serem adornadas com púrpuras horarias.
Jamais compreendeu um vizinho o outro: sua alma sempre se admirou da ilusão e da maldade do vizinho,

Uma tábua de bens encontra-se pendurada sobre cada povo. Olha, é a sua tábua de superações; olha, é a voz de sua vontade de poder.

A superação se dá a partir da criação²⁵ de tábuas de valor, onde cada povo cria livremente, tanto o seu bem, quanto o seu mal. Sobre esta ótica Giacóia afirmou que: “Essa superação, a humanidade a realiza por meio das "tábuas de valor", que traçam o rumo para o trabalho civilizatório dos povos [...]” (GIACÓIA, 2000, p. 34).

Entretanto, para que o homem possa criar novos valores e dar vazão a sua *vontade de potência*, ele terá que se livrar do ressentimento que em sua configuração possui “desprezo pela vida, pela terra, pelo mundo, pelo corpo, pelo vir-a-ser, por tudo aquilo que foi até agora caluniado em nome do ‘verdadeiro mundo’.” (GIACÓIA, 2000, p. 34).

O ressentimento se caracteriza como uma forma de ódio, que se sustenta a partir de uma vontade de vingança e, sendo assim, uma pessoa ressentida não é capaz de criar de forma espontânea, pois ela não parte de si, mas de uma suposta autoridade que a antecede. Em outras palavras: “A ação do ressentimento é sempre uma reação: diferentemente do *phátos* da distância, ela nunca é criação espontânea; seu gesto fundamental é uma oposição a uma instância diferente de si mesmo [...]” (WOTLING, 2011, p. 52). A partir disso, percebe-se que um indivíduo ressentido não cria valores, apenas reage a eles. Nas palavras de Nietzsche (2010, p. 26):

A rebelião escreva na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negado a verdadeira razão, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfo Sim a si mesmo já de início a moral escrava diz não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ - e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores - este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si - é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.

Neste subcapítulo, privilegiamos o caráter criador da *vontade de potência*, a fim de examinarmos, o fato de que para o ser humano criar valores novos e dar vazão a sua *potência* se faz necessário a libertação do ressentimento. A seguir, vamos examinar os conceitos nietzschianos *amor-fati* e *eterno retorno*.

4.3. SOBRE O ETERNO RETORNO E O AMOR-FATI

²⁵ Avaliar é para Nietzsche, criar. Nas palavras dele: “avaliar é criar: ouvi, ó criador! A própria avaliação é o tesouro e a joia de todas as coisas avaliadas.” (NIETZSCHE, 2019, p. 64). O homem é um avaliador, visto que, cria sentidos para as coisas, bem como institui valor.

Nietzsche, não pretendeu em sua filosofia, obrigar a humanidade a amar a vida, mas como um bom filósofo, nos instigou a questionarmos por que a rejeitamos, tal como nos fez refletir sobre o peso das teorias metafísicas que carregamos. Pois estas, segundo Nietzsche, por muito tempo, conduziram a humanidade a uma rejeição da vida e do mundo. Esta rejeição implica em uma espécie de “vida não vivida”, visto que, se espera uma outra realidade, onde a vida será livre de todo sofrimento do mundo presente.

O filósofo alemão, em contrapartida, em sua filosofia, não rejeita o sofrimento, ou as dores do mundo, pois ele defende, que para viver inteiramente, precisamos afirmar a vida em seus diferentes estados. Nesse sentido, segundo Oswaldo Giacóia (2000, p. 35):

Somente quando o sofrimento não for mais vivido como uma objeção contra a vida e um motivo para condená-la é que o homem poderá superar seu desejo de um além metafísico e seu rancor contra a passagem do tempo. Somente dessa maneira a totalidade da vida poderá ser assumida, sem acréscimos ou subtrações, com todas as suas misérias e êxtases firmemente encadeados entre si, pois eles se condicionam mutuamente e aquele que deseja, de fato, as venturas não pode amputar as dores do mundo.

Este estado afirmador se mostra através do conceito *Eterno retorno*.²⁶ Este não apenas aceita os acontecimentos da vida, mas pretende repetir, infinitas vezes, cada um deles. No aforismo 341 da *A gaia Ciência*, intitulado o *peso formidável*, Nietzsche, apresenta o *eterno retorno* por meio de uma provocação, a saber: um demônio aparece e anuncia ao ser humano que esta vida terá que se repetir infinitas vezes, e nela nada haverá de novo. Diante disto, a grande questão é: será que seríamos capazes de encarar isto como uma dádiva? Nas palavras de Nietzsche (1981, p. 223):

E se, durante o dia ou à noite, um demônio te seguisse à mais solitária de tuas solidões e te dissesse: esta vida, tal qual vives atualmente é preciso que revivas ainda uma vez e uma quantidade inumeráveis de vezes e nada haverá de novo [...] não te lançarás à terra ringindo os dentes e amaldiçoando o demônio que assim tivesse falado? Ou então terás vivido um instante prodigioso em que lhe responderias: és um deus e jamais ouvi coisa mais divina.

Nesse sentido, podemos constatar que, por um lado, teremos pessoas que serão capazes de afirmar o *eterno retorno* e, por outro, indivíduos que não serão capazes. Nas palavras de

²⁶ A doutrina do *eterno retorno*, se apresenta como o mais alto grau de assentimento, pois ela diz sim, a vida de forma prática, almejando o *eterno retorno* de tudo o que já foi vivido. Sobre isso, Patrick Wotling (2008, p. 37) escreveu que: [...] a doutrina do eterno retorno representa de fato a forma suprema do assentimento: ela não se contenta com um sim ‘teórico’, ela quer o sim na prática e o traduz concretamente numa vontade de reviver o que já foi vivido - um sim-valor que constituirá o novo centro da gravidade da existência, substituindo as doutrinas da negação e da calúnia da vida pelo grande pensamento da afirmação.”

Patrick Wotling (2011, p. 37): “Ele provocará uma crise e, por isso, uma divisão entre aqueles que aceitarão essa perspectiva com fervor e reconhecimento e aqueles para quem ela será esmagadora, insuportável.” Sendo assim, Nietzsche a partir desta provocação, convida seus leitores e suas leitoras, para uma experiência reflexiva. Sobre isso, Scarlett Marton (2016, p. 35) afirmou: “A formulação hipotética nesse parágrafo nos leva a sublinhar o significado do pensamento nietzschiano do eterno retorno do mesmo no contexto da experiência humana.”

Em suma, o *eterno retorno* dá a cada momento o caráter de eterno, pois cada e qualquer instante se repetirá infinitas vezes como se retornássemos “[...] eternamente para esta mesma vida idêntica, do mais geral até o mínimo detalhe [...]” (NIETZSCHE, 2019, p. 214).

Este conceito, nos leva em direção ao *amor-fati*, pois através deste, podemos viver cada instante de forma afirmadora, aceitando e amando, tudo aquilo que há de necessário em nosso destino, sem entrar em guerra contra os conflitos e o sofrimento, que são próprios da vida. Nesse sentido, Nietzsche escreveu: “Minha fórmula para a grandeza no homem é o *amor-fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja por toda eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário - mas *amá-lo...*” (NIETZSCHE, 2009, p. 49).

Vale ressaltar que este *amor*, pode ser traduzido como um querer, pois ele se apresenta como o “[...] pensamento mais afirmativo em termos de conteúdo, aquele que diz sim a realidade sem dela nada executar – ele se expressa do mudo mais afirmativo, a saber: como vontade de reivindicar eternamente, identicamente, a totalidade de sua vida.” (WOTLING, 2011, p. 15). Neste sentido, o ser humano que possui *amor-fati*, quer afirmar o *eterno retorno* da vida em todos os seus estados.

Neste subcapítulo, apresentamos o *eterno retorno*, na filosofia de Nietzsche, como uma experiência reflexiva, que pretende questionar a humanidade, sobre a sua capacidade de viver infinitas vezes o retorno de tudo aquilo que já foi vivido. E, também, destacamos, que é através do *amor-fati*, que os indivíduos poderão afirmar o *eterno retorno* de cada instante. No subcapítulo a seguir, vamos abordar o conceito *além-do-homem* de Friedrich Nietzsche.

4.4. SOBRE O *ALÉM-DO-HOMEM*

O *além-do-homem* foi anunciado através do personagem nietzschiano Zarathustra. Este, como pontua Nietzsche em sua autobiografia, foi o *primeiro moralista* da história, bem como o primeiro a transportar a moralidade para o âmbito metafísico. À vista disso, o filósofo alemão,

que se apresenta como o *primeiro imoralista*, tomou Zaratustra, como seu protagonista, a fim de fazer com que este corrija seu grande equívoco, ao reconhecer que a moral foi o erro mais fatal da humanidade. Nas palavras de Nietzsche: “Zaratustra *criou* este mais fatal dos erros, a moral: em consequência, deve ser também o primeiro a *reconhecê-lo*.” (NIETZSCHE, 2008, p. 103).

Pode-se afirmar que o *além-do-homem*, através da boca de Zaratustra, é apresentado como uma espécie de imoralista, pois ele é capaz de criar valores novos superando todo o amontoado de valores metafísicos, que se sustentam em outro mundo, como por exemplo: a negação do corpo, em prol da elevação da alma. Essas ideias se cessam, pois o *além-do-homem* permanece fiel a Terra. Sobre isso, Nietzsche afirma (2019, p. 24):

Vede, eu vos ensino o super-homem!
O super-homem é o sentido da Terra. Que vossa vontade diga: seja o super-homem o sentido da Terra
Suplico-vos, meus irmãos, *permaneço fiéis à Terra* e não creias naqueles que vos falam de esperanças supraterestrres! São envenenadores, quer saibam disso ou não.

Ao anunciar este grande projeto de ser humano, Nietzsche apresenta juntamente, o modelo de homem que precisa ser superado, a saber: o *último homem*. Nas palavras do filósofo: “Vede! Eu vos mostro o último homem [...]. Sua estribe é inextinguível como piolho de terra; o último homem tem a vida mais longa.” Este, pode ser visto dentro da filosofia de Nietzsche, como o ser humano moderno ou (e) insensato, que ainda está preso ao *niilismo*. Nesse sentido, Patrick Wotling (2011, p. 13) escreveu: “embora o termo além-do-homem sublime fortemente a ideia de superação, essa superação não é a do homem em geral [...], e sim do tipo de vida humana predominante na cultura europeia contemporânea, acética e vítima do niilismo [...]”.

O *além-do-homem*, como pontuado acima, se reconcilia com a Terra, e assim sendo, passa a superar também, a negação do corpo, entendendo que teu corpo é tua grande razão, pois este “[...] não diz eu, mas faz eu.” (NIETZSCHE, 2019, p. 42). Nesta reconciliação, aceita-se que o ser humano é seu corpo, e a alma é apenas uma palavra que designa algo corporal. Nas palavras de Nietzsche: “sou inteiro corpo, e nada além disso; e alma é apenas uma palavra para algo no corpo.” (NIETZSCHE, 2019, p. 42).

Outro aspecto a ser enfatizado, é que novo modelo de ser humano proposto por Nietzsche, é responsável pela transvaloração²⁷ de todos os valores decadentes, ou seja, metafísicos, transcendentos e dualistas. Sob esta ótica, Adilson Feiler afirma:

Todos aqueles antigos valores, dos quais se nutria a cultura grega e cristã, constituem alvo de crítica nietzschiana na forma de Zaratustra. Entre todas essas críticas tem lugar privilegiado a programação da morte de Deus. Contudo, muito antes que destruir, Nietzsche tem um modo de procedimento positivo, baseado no construir, no sentido de preparar o terreno de onde possa nascer o além-do-homem, baseado numa nova moral que é vontade de potência, longe de qualquer vestígio de transcendência. Esta nova cultura não pode se sustentar apenas com a morte de Deus, necessita sim, além disso, ser animada por uma vontade de potência que crie novos valores. [...] A questão dos valores ocupa o centro do pensamento Nietzschiano. Essa função de criar novos valores é própria daqueles que superaram a si mesmos, assumindo a visão de um mundo não dualista, concreto, físico [...] (FEILER, 2011, p. 72).

A partir desta citação, compreende-se que Nietzsche, em sua filosofia, reservou um lugar para destruição, para que, depois, a criação se torne novamente possível. Sobre isso, ele afirma: “Aquele que precisa ser criador sempre destrói.” (NIETZSCHE, 2019, p. 65).

Esta criação como mencionada no subcapítulo 4.2, acontece através da *vontade de potência*, pois está sempre em um processo de superação que se concretiza através da invenção de novos valores, rompendo com qualquer pensamento transcendente, bem como com qualquer resquício de ressentimento, tal qual, com *nilismo* em sua forma passiva. Nesse sentido, o *além-do-homem*, em última instância, representa este novo momento construtivo, sendo capaz da transvaloração de todos os valores, dando vazão a *vontade de potência*.

Aqui, nos dedicamos a examinar o *além-do-homem* como o projeto nietzschiano capaz de romper com tudo aquilo, que a filosofia do martelo de Nietzsche, se propôs a destruir. Apresentando este, sobretudo, como um criador de novos valores, valores terrenos, que não visam realidades extramundanas, pois como salienta o filósofo: “O sacrilégio contra Terra é agora o mais terrível, e apreciar mais as entranhas do inescrutável do que o sentido da Terra!” (NIETZSCHE, 2019, p. 24).

A seguir, vamos apresentar os conceitos trabalhados nesse capítulo de forma conjunta, a fim de promover uma reflexão sobre a *necessidade da afirmação do mundo na filosofia de Friedrich Nietzsche*.

²⁷ A transvaloração dos valores na filosofia de Nietzsche, pode ser pensada como uma forma de derrubar os antigos ídolos, destruindo os antigos alicerces metafísicos e religiosos, bem como uma forma de inverter os valores, tomando como ouro, aquilo que ou dia, foi visto com asco. E, por fim, como salienta Scarlett Marton (2000, p. 4): “Transvalorar é, ainda, criar novos valores. Aqui, Nietzsche pretende realizar obra análoga à dos legisladores: estabelecer novas tábuas de valores. É desta perspectiva que concebe a filosofia.”

4.5 UMA BREVE ANÁLISE DA NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO DO MUNDO

Começamos, com uma reflexão, a saber: em qual medida, os conceitos nietzschianos citados neste capítulo, permitem inferir este mundo como necessário? Para promover uma análise desta questão partiremos da *morte de Deus*.

A *morte de Deus* como vimos, simboliza o fim de uma estrutura suprassensível e, portanto, o fim de todos os valores que ela sustentava. Como nota-se no aforismo 343 da obra, *A Gaia Ciência*, onde a morte do antigo Deus, aparece como um novo início, pois, desprovidos de valores e referências os espíritos livres e os filósofos poderão novamente mergulhar no grande mar de conhecimento e possibilidades. Nietzsche afirma:

(...) O maior dos acontecimentos recentes – que “Deus está morto”, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Para poucos, pelo menos, cujos olhos, cuja suspeita nos olhos é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, parece justamente que algum sol se pôs, que alguma velha, profunda confiança virou dúvida: para eles, nosso velho mundo há de aparecer dia a dia mais poente, mais desconfiado, mais alheio, mais “velho”. Mas no principal pode-se dizer: o próprio acontecimento é grande demais, distante demais, demasiado à parte da capacidade de apreensão de muitos, para que sequer sua notícia pudesse já chamar-se chegada: sem falar que muitos já soubessem o que propriamente se deu com isso – e tudo quanto, depois de solapada essa crença, tem agora de cair, porque estava edificado sobre ela, apoiado a ela, arraigado nela; por exemplo, toda a nossa moral europeia. (...) De fato, nós filósofos e “espíritos livres” sentimo-nos à notícia de que o “velho Deus está morto”, como que iluminados pelos raios de uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, assombro, pressentimento, expectativa – eis que enfim o horizonte nos aparece livre outra vez, posto mesmo que não esteja claro, enfim podemos lançar outra vez nossos navios, navegar a todo perigo, toda ousadia do conhecedor é outra vez permitida, o mar, nosso mar, está outra vez aberto, talvez nunca dantes houve tanto “mar aberto”. (NIETZSCHE, 1978, pp. 211-212)

Sobre isso, Scarlett Marton (2000, p. 01) afirma:

Desde as primeiras páginas do prólogo, Zaratustra aparece como o anunciador de uma completa reviravolta em nossa cultura. E, aos poucos, a transformação por que acaba de passar ganha clareza. Sua causa então se explicita: ela reside no conhecimento da morte de Deus. Se foi no mundo supra-sensível que até então os valores encontraram legitimidade, trata-se agora de suprimir o solo mesmo a partir do qual eles foram colocados, para então engendrar novos valores. “Humanos, demasiado humanos”, os valores instituídos surgiram em algum momento e em algum lugar. E, em qualquer momento e em qualquer lugar, novos valores poderão vir a ser criados. É a morte de Deus, pois, que permitirá a Nietzsche acalentar o projeto de transvalorar todos os valores. Traço essencial de nossa cultura, o dualismo de mundos foi invenção do pensar metafísico e fabulação da religião cristã. Com Sócrates, teve início a ruptura da unidade entre *physis* e *logos* - e a filosofia converteu-se, antes de mais nada, em antropologia. Com o judaísmo, houve o despovoamento de um mundo que estava cheio de deuses - e a religião tornou-se, acima de tudo, um “monotono-teísmo”. Desvalorizando este mundo em nome de um outro, essencial, imutável e eterno, a cultura socrático-judaico-cristã é niilista desde a base. É a morte de Deus, pois, que tornará possível a Nietzsche fazer a travessia do niilismo.

A partir desta citação, podemos observar, que o dualismo de mundos como uma invenção da metafísica, bem como do pensamento cristão, ele passa a se tornar irrelevante para nossa atualidade, visto que essa configuração está morta, *nós a matamos*. Outro aspecto que Scarlett pontua, é que essa tradição metafísica tem o *niilismo* em sua base. Isto porque, para Nietzsche, a crença em *Deus*, ou em um *além* é, em última instância, a crença em nada. A superação do *niilismo*, sendo assim, só se torna possível a partir da morte desta estrutura, ou seja, da *morte de Deus*.

Essa estrutura *morreu*, então, estamos livres para um novo tipo de vida humana, uma vida que na filosofia de Nietzsche, aparece através do *além-do-homem*. Este não vive por idealidades, ou por outro mundo. Portanto, vive inteiramente neste mundo, de tal forma, que é capaz de afirmar o *eterno retorno* de tudo aquilo já vivido, em cada particularidade. Pois ele possui *amor-fati*. Isto é, deseja dizer sim, ante o necessário, deseja, fundamentalmente ser somente um afirmador. Superando os antigos valores, e criando novos, ou seja, estimulando sua *vontade de potência*. Isto, também significa dizer, que este novo ser humano, deixa de ser criatura e passa a ser criador.

Com este subcapítulo, constatamos que se torna possível defender a necessidade da afirmação do mundo, visto que Nietzsche, ao findar através da morte de Deus, toda grande ilusão sustentada pela tradição metafísica, cria um novo modelo humano, que vive inteiramente, neste mundo, uma vez que, ele não se sustenta a partir dos princípios metafísicos que criaram um outro mundo e subjugaram o mundo e a vida terrena. Em outras palavras, o *além-do-homem* não espera por um *além*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada nesta monografia, que teve o seguinte objetivo: investigar a necessidade da afirmação do mundo na filosofia de Nietzsche, podemos afirmar que o autor com sua filosofia da suspeita, se lançou, e nos lançou, ante o diferente, pois com esta questionou incansavelmente tudo aquilo, que a moral tomou como verdade, enfatizando que crenças em ideais metafísicos simbolizam mais do que uma cegueira, podendo ser entendidos como covardia e erro. O filósofo alemão, apresentou para a humanidade, os fundamentos destes ideais como grandes mentiras, que geraram a negação deste mundo e desta vida, tirando da Terra todo seu valor e transportando-o para outro mundo, o mundo *perfeito, imutável e eterno*.

Estes ideais possuem raízes profundas, que se iniciam com o pensamento platônico-socrático, haja vista que segundo Nietzsche, esta corrente filosófica foi responsável pela criação de uma concepção de mundo dual. Depois, vimos o cristianismo, como um “platonismo para o ‘povo’”. Em outras palavras, o pensamento platônico-socrático se difundiu por toda parte, incorporado pelo cristianismo. Pois este, tal como o platonismo, possui em sua configuração um espírito de negação, visto que deposita na alma e no céu, tudo de mais elevado, tirando da Terra e do corpo qualquer valor. Também analisamos, no primeiro capítulo, que a modernidade, tendo o músico Wagner como o exemplo de Nietzsche, continua apegada a um espírito de negação do corpo e da vida.

Posteriormente, analisamos a concepção de vida apresentada por Nietzsche, a saber: a vida como *vontade de Potência*. Isto é, a vida como força, como superação, como luta. Para que, depois, concluíssemos que nas diferentes fases do pensamento de Nietzsche a afirmação desta vida, em contraposição a tradição aqui citada, não acontece em outro mundo, mais sim, neste mundo.

Ao investigarmos as diferentes formas do *niilismo*, entendemos que para Nietzsche o *niilismo* em sua forma *passiva*, precisa ser superado e transformado, em um *niilismo ativo*, ou seja, em uma nova disposição para a criação de novas perspectivas e valores. Essa nova criação, só se torna possível, pois *Deus está morto*, isto é, toda a estrutura metafísica, citada no primeiro capítulo desta monografia, perdeu seu lugar de excelência. Também compreendemos que a efetivação da criação acontece através da *vontade de potência*, nossa força vital, pois ela está em processo de superação constante, que se concretiza através da invenção de novos valores.

Concluimos junto a isso, que o *eterno retorno* é uma forma prática de afirmação da vida, pois em sua configuração, promove a repetição de cada particularidade da existência infinitas

vezes. Para que haja o desejo dessa afirmação, se faz necessário o *amor-fati*. Pois através deste, Nietzsche, ensina a humanidade a amar tudo o que é necessário, até mesmo, o sofrimento. Desta forma, deixamos de temer o *eterno retorno*, mesmo que com ele tenhamos que repetir a vida mesma inteiramente, incontáveis vezes.

Por fim, apresentamos o *além-do-homem*, como um tipo de vida humana capaz de concretizar aquilo que esses conceitos nos convidam a fazer, pois ele representa a suprema superação de toda estrutura metafísica a que Nietzsche se opôs. Em outras palavras, o *além-do-homem* vive o mundo presente, ama-o, e deseja retornar infinitas vezes a ele, **tomando este mundo como necessário, e não mais, como um lugar temporário e de pouco valor.**

Vale ressaltar que, isto só se tornou possível, na medida em que, toda estrutura responsável pela sustentação da separação dos mundos, teve seu fim, com a *morte de Deus*. Dando espaço, para este novo modelo de ser humano viver inteiramente a vida terrena, sem esperar por mundos suprassensíveis.

Em síntese, com este estudo, podemos afirmar que, a problemática deste trabalho, a saber: qual é a necessidade da afirmação do mundo para Friedrich Nietzsche? Teve sua resposta através do *além-do-homem*, pois este, representa uma vida humana livre de toda estrutura metafísica que subjugou o mundo presente, podendo criar valores novos, valores que não se fundamentem mais em realidades metafísicas de essências, mas sim, na Terra. Com isso, Nietzsche instiga a nós, seus leitores e suas leitoras as novas possibilidades de criação.

A título de conclusão, queremos ressaltar a atualidade e a relevância da filosofia de Friedrich Nietzsche, tanto pela investigação que a contemporaneidade empreende acerca do estilo da filosofia e do modo de fazer filosófico de Nietzsche, que raramente se apresentam de forma linear e sistemática, quanto pela influência do filósofo alemão, em pensadores desta nova geração, entre eles: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Sigmund Freud. Desta forma, as reflexões lançadas por Nietzsche no século XIX, não se perderam ao longo do tempo, permanecendo vivas entre nós.

REFERÊNCIAS

- FEILER, A. **Nietzsche**: sujeito moral e cultura cristã. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.
- GIACÓIA, W. **NIETZSCHE**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- KARASEK, F. **Uma Filosofia da Dor**: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche. Porto Alegre: Editora bestiário, 2013.
- MARTON, S. **A necessidade de aniquilar e criar**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1994. p. 7-8.
- MARTON, S. **Deus Está Morto!**. [S.l.]: Jornal Brasil, 2000. 03 p.
- MARTON, S. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.
- MARTON, S. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- MARTON, S. **O eterno retorno do Mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”**. Guarulhos\Porto Seguro: Cad. Nietzsche, 2016. 11-46 p.
- MELO, Júlio de Fátimo Rodrigues de; VIEIRA, Werner Bessa. **A Religião Cristã e a Evolução da Ciência: Considerações Históricas**. Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2019, vol.13, n.48 SUPLEMENTO 1, p. 412-428. ISSN: 1981-1179.
- NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978, 2a edição.
- NIETZSCHE, F. **A gaia Ciência**. Tradução de Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1981.
- NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: &PM, 2019.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: &PM, 2011.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.
- NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiadamente Humano**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- NIETZSCHE, F. **Ecco Homo**: Como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras. 2008.
- NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**: ensaio de uma transmutação de todos os valores. [S.l.]: Ediouro, 1993.
- PACHECO, M. **O conceito de decadência na filosofia tardia de Nietzsche**. Dissertação (mestrado em filosofia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, p. 58. 2018.
- PETERS, F. **Termos filosóficos gregos**: um léxico histórico. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2012.

WOTLING, P. **Vocabulário de Friedrich Nietzsche**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VATTIMO, G. **Diálogo com Nietzsche**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.